

## A INVENÇÃO DAS AMÉRICAS

### **META**

Levar o aluno a entender que a América enquanto tal é fruto de uma construção histórica que os europeus fizeram, baseado em suas referências culturais e nos seus interesses econômicos.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
refletir sobre quais foram as principais referências históricas que fizeram com que os europeus inventassem a América antes de tomarem posse dela.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Ter assimilado o conteúdo das aulas anteriores.



### INTRODUÇÃO

Caro aluno, querida aluna: você já estudou como se deu o processo de desestruturação do universo indígena que existia nas Américas antes da chegada dos europeus. Agora, vamos compreender como este continente foi inventado.

O termo invenção aparece na historiografia sobre a História das Américas referindo-se à projeção que os europeus fizeram do seu universo imaginário sobre as novas terras que foram invadidas. Nesse sentido, um dos elementos simbólicos que mais transitava pelo imaginário europeu era a idéia de mercantilismo.

Sobre tal questão, assim escreveu Cleber Cristiano Prodanov (1990: 9): “[...] o mercantilismo não é apenas o resultado de práticas político-econômicas; é, também, um produto do imaginário europeu e das necessidades individuais e coletivas.”

Ou seja, o desejo de conseguir metais preciosos não era somente um projeto econômico dos Estados absolutistas europeus. Ele também fazia parte dos sonhos acalentados pelos súditos das coroas do Velho Mundo que almejavam alcançar riquezas monetárias.

Esses homens e mulheres, que viveram entre os séculos XVI e XVIII, experimentaram a sensação de conviver com uma dupla noção de tempo: o de longa duração, que lhes levou a viver a transição econômica do feudalismo para o capitalismo; e o de longuíssima duração marcado pelas significações culturais que lhes eram empreendidas pelo tradicionalismo de suas crenças e pela sobrevivência de sua cultura popular.

O mercantilismo, ou os mercantilismos europeus, se preferir, era, portanto, um conjunto de idéias que se manifestava em práticas cotidianas desenvolvidas pelos Estados europeus; as quais foram incorporadas pelos homens e mulheres que habitavam essas Nações.

Dentre as características principais dessas práticas, destacaram-se: a crença no centralismo monárquico absoluto, o desejo de ver a balança comercial favorável, ou seja, exportando mais e importando menos e, lógico, o sonho aventureiro de conseguir mais e mais colônias de onde se pudesse explorar uma grande quantidade de metais preciosos e matérias primas para serem comercializadas.

Além de tudo isso, transitavam no imaginário europeu as estórias de terras riquíssimas que haviam sido contadas por viajantes famosos. Era o caso de Marco Polo, que, no século XIII, havia chegado ao extremo oriente e havia registrado oralmente todas as suas impressões em um livro, muito lido na época, que ficou conhecido popularmente como Livro das Maravilhas.

Prodanov (1990:23) registra a seguinte impressão sobre os relatos desse famoso aventureiro:

Marco Polo apresenta aos olhos da Europa em crise a passagem da descrição lendária para a descrição cristianizada do mundo desconhecido. Sua obra retoma a forma de relato bíblico sendo, antes de tudo, um importante acervo de informações sobre mercadorias e pontos de comércio em todo o Oriente.

Esse viajante não deixou de colocar em seu relato sua forte formação cristã. Constantemente faz julgamentos éticos sobre as populações que encontra em seu caminho. O julgamento é, na verdade, a tônica constante de seu depoimento. O bem e o mal, o certo e o errado são seus companheiros de viagem. Sua obra assume um caráter de documentário e julgamento.

O referido viajante havia interpretado o universo cultural do oriente à luz do imaginário da Europa medieval; por isso, seu livro obteve tanto sucesso, o que ele relatou teve ressonância no velho continente. Também não poderia ter sido diferente; visto que os censores inquisitoriais da Igreja Católica estavam a postos para impedir qualquer interpretação fora dos preceitos dogmáticos das suas interpretações bíblicas.

Com a América não foi diferente. Imediatamente tudo foi rebatizado: as terras, os acidentes geográficos, as pessoas. Nada escapou ao imaginário europeu. O próprio continente foi chamado de Novo, só porque existia um Velho; apareceram nomes como: Nova Granada, Nova Espanha, Vera Cruz, tudo tinha que ter a sua ressonância, seu duplo. As terras invadidas foram chamadas de América em homenagem ao navegante italiano Américo Vespúcio e seus habitantes foram genericamente chamados de índios, pois se acreditava que haviam chegado às Índias narradas por Marco Polo. Onde antes existiam Montezumas, Huáscars, Atahuallpas, agora existiam: Pedros, Paulos e Josés. Enfim, tenta-se construir uma Nova Europa diretamente espelhada na Velha.

Porém os processos de aculturação nunca ocorrem em uma única direção, pois as culturas aparentemente dominadas também exercem seu poder. O resultado desse encontro é dialético: nem o velho, nem o novo. O que surge é algo diferente, uma síntese que até hoje nós procuramos entender.

Sobre tal fenômeno, assim escreveu Prodanov (1990:29):

O europeu quando chega na América destrói tudo aquilo que não faz parte de sua cultura, aquilo que não consegue compreender. Aos poucos vai conseguindo assimilar e incorporar essas novas formas de representação cultural que lhe eram tão estranhas. Paulatinamente a questão do velho e do novo começa a revelar-se. A própria denominação de Novo Continente está associada à existência do Velho.

O Velho mundo une-se ao Novo e, na experiência da reprodução cultural, acaba gerando a denúncia e a crítica de seus próprios valores;

ou seja, induz novos elementos ao cotidiano dos conquistadores e gera uma América diferente da Europa colonizadora e da própria América pré-hispânica.

Na realidade, o que os Europeus tentaram fazer foi transplantar os valores da cultura cristã europeia para o Novo Mundo. Junto com este imaginário veem também os seus desejos, sonhos e fantasias. Tais constatações levaram intelectuais como Edmundo O’Gorman (s.d.) a defender que: “A América foi inventada antes de ser descoberta”.

Enfim, como afirmou a professora Janice Theodoro (1987:13e 14):

[...] os descobrimentos representavam uma grande oportunidade para os povos ibéricos concretizarem seus sonhos, construindo, reproduzindo e assimilando na América todo processo cultural de que eram originários. O suporte econômico, embora tenha favorecido a realização dessa empresa, não explica os diversos significados que assumiu a conquista. As instituições religiosas e política se cristalizaram, penetrando fundo no cotidiano colonial. O passado criou raízes muito fundas principalmente onde os indígenas mantiveram parte de suas tradições, tornando-se um peso do qual ninguém de fato queria se libertar. [...] a empresa colonial surge não apenas como resultado de uma política econômica, mas também como forma de expressão de uma estrutura mental.

### **A TEATRALIDADE DA CONQUISTA**

Como vimos anteriormente, a América foi pensada através de construções imaginárias. Nesse sentido, nem a construção das grandes cidades americanas escapou desse pressuposto. Elas foram construídas como cenário de um Novo Mundo que tinha como modelo o Velho. Um exemplo disso é a cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, que, até hoje, assemelha-se muito à capital de Portugal, Lisboa.

A própria catequese da Igreja Católica era teatral. Ela constantemente organizava autos representativos, como o da Festa de São Lourenço escrito pelo padre José de Anchieta. Como se isso não bastasse, mandava construir imagens sacras esvoaçantes, igrejas ricamente decoradas em ouro ou azulejaria e convocava procissões laboriosas cheias de representações humanas de personagens bíblicos e entidades celestes.

Contudo, não só existiam alegorias sacras. A visão de mundos distantes cheio de criaturas fantásticas também habitava a mente dos europeus. Vejamos como Janice Theodoro (1987: 11) fala sobre esse tema:

A América, mesmo antes de ser descoberta, fazia parte da ficção. A visão de um outro mundo muito distante e difícil de ser alcançado

crystalizava-se, como o passar dos anos, em imagens. O oceano era repleto de monstros, e o paraíso exuberante. As informações trazidas pelos viajantes, cheias de detalhes, despertavam um impulso que muito além dos limites impostos pela realidade.

Para que toda essa teatrolidade tivesse êxito, foi indispensável introduzir o elemento indígena no referido processo. Eles foram utilizados para construir cidades e missões. Foram também os suportes básicos da experiência catequética: seus nomes mudaram, aprenderam outro idioma, seus costumes foram atribuídos a “obra do demônio” e, pouco a pouco, foram se europeizando. Contudo, havia algo que não se poderia apagar: a força da herança das culturas pré-colombianas. Ela estava presente no sangue, na cor da pele, no tamanho do corpo e no formato do rosto. De pronto, os europeus descobriram que não podiam embranquecer os nativos. No máximo eles seriam chamados de: criollos, mulatos ou caboclos; porém continuariam sendo americanos.

Até a noção de tempo passa a ser modificada. O tempo indígena era cíclico, marcado pelas fases da lua e pelas estações do ano. Porém, o europeu introduz nas colônias o tempo linear dos relógios; e os coloca estrategicamente situado nas torres das grandes catedrais. Agora era o badalar das horas, marcadas pelo soar dos sinos que organiza a vida dos homens. Como afirma Janice Theodoro (1987: 27):

[...] o Estado instituiu o relógio como parte de um monumento oficial, delegando ao poder público o domínio do tempo. Olhando frequentemente para o relógio, o cidadão deveria encontrar formas eficientes para organizar o seu cotidiano e definir padrões de urbanidade no convívio com o outro.

Não obstante tal fato, os nativos do Novo Mundo continuavam a praticar o tempo de antes da conquista, inclusive na decoração das grandes catedrais marcadas pelo gosto estético barroco, os habilidosos artesãos índios produziam como “se tivessem todo tempo do mundo”. Era o tempo dedicado ao divino e não ao mercado. Era o ritmo com o qual eles estavam acostumados a conviver quando construía majestosos templos para os seus deuses.

Para que a comunicação entre esses dois mundos fosse mais eficaz, europeus e indígenas descobriram um ponto em comum: passaram a produzir juntos muitas alegorias; visto que ambos estavam acostumados a pensar através de imagens. Vejamos como Janice Theodoro (1991:16-17) descreve tais representações:

[...] a Europa [...] era como uma mulher, ‘com veste de soberana, com coroa, cetro e segurando o globo imperial’. A superioridade

está indicada pela imagem de uma rainha que possuía em suas mãos o domínio sobre o globo.

A Ásia transformou-se em uma princesa ornada de jóias, com um turíbulo de incenso. Os europeus pensavam encontrar na Ásia tesouros imensos, capazes de nutrir a riqueza de suas fantasias.

A África expressava sua pobreza através de uma negra tendo na mão um raminho de bálsamo. Suas vestes eram singelas como oposição à majestade da figura européia.

A América se fez conhecer como uma mulher nua, segurando uma cabeça de homem cortada. Marcando o estado de barbárie em que viviam suas populações.

A Oceania reduzia-se a uma cabeça sem corpo, porque ninguém conhecia aquelas regiões setentrionais.

No universo iconográfico do catolicismo, as superposições imagéticas também foram bastante propagadas. No México, surge a crença da aparição da Senhora de Guadalupe a um índio de nome Juan Diego; no altiplano boliviano, surge a devoção à Senhora de Copacabana, muito provavelmente uma representação cristianizada de Pachamama, a mãe terra adorada pelos Incas. Não foram raras as representações de anjos ou atlântes que tinham traços indígenas. Em suma, o velho era reinterpretado e reinventado pelo novo.

### CONCLUSÃO

A conquista das Américas representou um estruturado processo de transplante cultural. Os empreendimentos europeus traçados para o Novo Mundo previam erguer cidades e monumentos inteiros seguindo os modelos das edificações do outro lado do Atlântico. Até as semelhanças geográficas com o Velho Mundo eram buscadas a todo instante: Salvador da Bahia, assim como Lisboa, possui uma parte alta e outra baixa. Segundo Janice Theodoro (1991:32), os europeus tinham “... uma ânsia louca de [...] repetir todos os costumes do Velho Mundo.”

### RESUMO

Com a chegada dos europeus a perda do costumes indígenas foi imensa. No México, por exemplo, Hernán Cortéz mandou destruir todos os documentos que faziam referência às tradições indígenas, quebrou e queimou imagens de deuses Astecas e matou sacerdotes.

Todas essas atitudes, tão inegavelmente violentas, traduzem a ansiedade que os europeus traziam consigo de construir uma América à imagem da Europa. Era preciso “criar” referências em um universo onde elas não existiam, pois tudo era irremediavelmente diferente, estranho. Por isso todas as coisas foram rebatizadas com nomes cristãos. Afinal de contas, essa era “o porto seguro” que eles conheciam há séculos e do qual não estavam dispostos a abrir mão.



## ATIVIDADES

Preste bastante atenção a esse texto extraído do livro *O mercantilismo e a América* de Cleber Cristiano Prodanov (1990:37):

Desde a descoberta das minas, Potosi pertence a uma lenda que encara os espanhóis como legítimos herdeiros e representantes de Deus na terra. Contam os cronistas dos séculos XVI e XVII, recuperando essa lenda indígena, que a descoberta das minas de prata de Potosi havia sido realizada em um período anterior à chegada dos espanhóis na América; em certa ocasião, porém, os indígenas que haviam cavado a montanha foram paralisados por um poderoso estrondo e uma voz que saía de dentro do cerro dizendo “não retireis a prata deste cerro, pois ela é para outros donos.”

Ao redescobrirem as minas (1545), os espanhóis se utilizaram dessa lenda para justificar sua ação. Foi basicamente o domínio dos símbolos que permitiu aos europeus concretizarem a conquista e usufruírem da riqueza retirada.

Procure mais informações sobre o Cerro de Potosi e faça um pequeno relato contando-nos suas descobertas.



## COMENTÁRIO SOBRE A ATIVIDADE

A serra que foi chamada pelos espanhóis de São Luis do Potosi pertencia ao vice-reino do Peru e encontra-se localizada na atual Bolívia. Trata-se de um local isolado do altiplano andino, que apresenta uma altitude de mais de quatro mil metros. Potosi foi o local das Américas de onde mais se extraiu prata. Suas condições climáticas são descritas como sendo: extremamente fria, úmida e estéril para agricultura.

Nessa região muitas vidas indígenas foram sacrificadas por causa da ganância metalista dos espanhóis. O próprio autor do texto afirma, na página 36, da obra citada que: “Entre 1545 e 1585 a insalubridade era tanta, que nenhuma criança espanhola natural de Potosi conseguia sobreviver”. A situação ambiental agravou-se na região quando em 1572, o vice-rei do Peru, D. Francisco de Toledo, introduziu na extração da prata a utilização da técnica de amalgamação, ou seja, passou-se a usar o mercúrio para separar a prata. Tal produto, por se tratar de um metal pesado, é altamente poluente e extremamente prejudicial à saúde humana.



### AUTO-AVALIAÇÃO

Será que os temas apresentados nesta aula foram suficientes para aprendermos que:

1. A América já existia no imaginário europeu antes mesmo de ser conquistada?
2. A forma que os europeus encontraram para colonizarem os indígenas foi baseada na desestruturação de sua cultura e na implantação de referências que lhes eram próximos?
3. Uma das maneiras mais eficazes de imposição da mentalidade europeia era a utilização da superposição iconográfica de elementos alegóricos?



### NA PRÓXIMA AULA

Estudaremos como se organizou administrativamente o processo de colonização da América espanhola.

### REFERÊNCIAS

BRUIT, Héctor Hernan. **Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos: ensaio sobre a conquista hispânica da América**. Campinas: Editora Iluminuras Ltda., 1995.

CHIAVENATO, Julio José. **Colombo, fato e mito**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

SILVA, Janice Theodoro da. **Descobrimento e colonização**. São Paulo: Ática, 1987.

THEODORO, Janice. **Descobrimientos e Renascimento**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 1991.

THEODORO, Janice. **América Barroca: temas e variações**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

Leitura recomendada

PRODANOV, Cleber Cristiano. **O mercantilismo e a América**. São Paulo: Contexto, 1990.